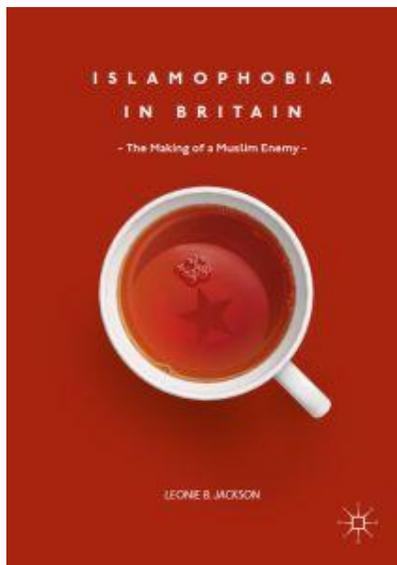


RESENHA

JACKSON, Leonie B. **Islamophobia in Britain: The Making of a Muslim Enemy**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. 197 p.

**Império e preconceito:  
a vilificação de muçulmanos na Grã-Bretanha**

FELIPE FREITAS DE SOUZA\*



A islamofobia é uma ferramenta notória do repertório da extrema direita da Grã-Bretanha. Utilizando-se da Teoria Crítica Racial na presente obra, a autora Leonie B. Jackson, professora na Universidade de Huddersfield, opera o estudo da islamofobia britânica no contexto das políticas identitárias no espaço urbano. O livro demonstra que a islamofobia é utilizada para realizar articulações políticas a níveis local, nacional e internacional visando favorecer o controle sobre os não-europeus. Enquanto elemento discursivo dominante, ela permite a coesão entre âmbitos sociais de diferentes ordens de grandeza, fornecendo um modelo explicativo e simplificador das

complexidades e contradições acerca do Islã e dos muçulmanos.

Na Introdução, discute-se como o discurso dominante da islamofobia passou a ter algum poder explanatório na imaginação britânica e o porquê de sua utilização. O pressuposto é que a islamofobia se embasa no eurocentrismo, entendido enquanto etnocentrismo com séculos de sucesso material e militar de domínio dos corpos alheios e dos discursos sobre esses corpos. A autora retoma o histórico das definições sobre islamofobia, de Edward Said a Chris Allen, e critica a noção de essencialização das identidades contida no relatório *Islamophobia: a challenge for us all*, do *The Runnymede Trust*. Imperialismo, colonialismo e orientalismo são mobilizados em seus modos de formar uma postura europeia perante os Outros, sejam muçulmanos ou outros grupos nitidamente não-europeus. A islamofobia seria uma modalidade de discurso orientalista neocolonialista, reduzindo o Islã a uma religião descontextualizada do meio social, tendo como principal expediente racializar os muçulmanos e atribuir-lhes características específicas que demandam ou a defesa ou o controle estatal ou mesmo ambos. A islamofobia seria um novo racismo: tal qual o

antissemitismo, trata-se da racialização de diferenças religiosas e culturais.

Em *Muçulmanos bons e maus na Grã-Bretanha*, investigam-se as narrativas que apontam os muçulmanos enquanto responsáveis tanto por ameaças domésticas quanto internacionais. Mesmo a coesão interna das comunidades trariam supostos obstáculos à integração. Já as medidas de contraterrorismo alvejariam os muçulmanos indiscriminadamente, reforçando a generalização. No pós 11 de Setembro, construiu-se a narrativa de ameaça muçulmana à identidade britânica: ao dividir os muçulmanos em bons, que poderiam ser integrados e assimilados, e os maus, que representam tudo aquilo que a nação não é, estigmatizou-se de maneira geral todos os muçulmanos. A islamofobia se apresentaria com roupagens de mera crítica ou repúdio a uma ideologia alheia em seu papel de controle de uma “comunidade suspeita”, estruturando o discurso da identidade nacional que propaga o eurocentrismo internamente, com o estímulo da ansiedade contra muçulmanos, e externamente, justificando a continuidade da barbárie imperialista britânica em pleno século XXI.

Já o capítulo *Islamofobia em nível local* é um exemplar estudo de caso no qual são analisadas cartas recebidas pelo jornal *Dudley News*, da cidade inglesa de Dudley, que manifestam as opiniões da população sobre a construção de uma mesquita na cidade. Nesse caso, a islamofobia não se manifesta somente enquanto discurso, mas também como uma prática excludente. Pelo material colhido no jornal, predomina a narrativa que culpa coletivamente os muçulmanos pelos atos de alguns poucos. Pelas cartas, enquanto os muçulmanos não deixarem os traços que os identificam

como tais, não serão integrados à comunidade, mas sim encarados enquanto uma dupla ameaça: à integridade física e à identidade cultural. Assim, a visibilidade islâmica a partir das indumentárias, por exemplo, é extremamente repudiada.

Em *Negações de racismo e a Liga de Defesa Inglesa*, investiga-se a islamofobia enquanto forma de racismo analisando o discurso do grupo Liga de Defesa Inglesa. Apesar do grupo afirmar não ser contra os muçulmanos, mas somente contra o “extremismo islâmico”, na prática associa todos os muçulmanos aos extremistas, propagando a “culpa por associação” tão comum dentre os islamofóbicos. Como pano de fundo, a manutenção do domínio étnico-cultural tradicional é o mote das elaborações de seus líderes e membros. Xenofobia, autoritarismo e atitudes negativas frente à imigração e grupos étnicos minoritários são peças desse repertório abastecido pela fantasia do homem branco. Para a Liga, alguns grupos seriam merecedores de maior repúdio do que outros: tal seria o caso dos muçulmanos, compreendidos como problemáticos por natureza. A autora desnuda um pensamento culturalmente racista que não se assume enquanto preconceito, transfigurado em racionalidade e livre expressão. De modo complementar, propagam o mito do vitimismo branco no qual os europeus seriam os verdadeiros prejudicados, pois estaria havendo uma suposta colonização da Europa pelos muçulmanos. A Islamofobia seria então não somente identificar os muçulmanos como problemáticos, mas também a negação de qualquer responsabilidade pelas questões sociais e políticas contemporâneas que envolvem as populações muçulmanas ao reduzir o comportamento de todo muçulmano à identidade religiosa que fantasiam.

Em *Islamofobia e a Identidade Nacional na Europa*, a autora considera como a identidade muçulmana vem sendo construída nos estados europeus, retratando-os como Outros contra os quais se articulam as identidades nacionais. Há a internalização da dicotomia civilizado / bárbaro tão cara ao pensamento eurocêntrico para a perpetuação de tais identidades. Analisando os casos da Suíça, Dinamarca, Países Baixos e França, o capítulo indica como esses discursos de identidades nacionais são articulados em oposição diametral aos valores e identidades que se identifiquem com o Islã.

Em *Islamofobia Eurocêntrica*, investiga-se porque o discurso islamofóbico é aderente neste momento histórico e como ele vem servindo àqueles que o empregam. “Seja surgindo em nível local, nacional ou internacional, a islamofobia emerge de uma ansiedade cultural gerada pela noção de que espaços antes meramente ocidentais estariam sendo minados pela presença de muçulmanos.” (p.145) Os muçulmanos não seriam uma ameaça somente ao espaço geográfico do Ocidente, mas também a um espaço civilizacional imaginado: assim, não poderiam ser considerados como outros cidadãos quaisquer principalmente por não reconhecerem a supremacia europeia.

A conclusão *O desperdício da Islamofobia* indica que a islamofobia na percepção supremacista eurocêntrica não seria uma forma de preconceito, mas sim um sistema de defesa racional das vantagens coletivas eurocêntricas. A islamofobia permitiria a ligação de questões locais, nacionais e internacionais para justificar a exclusão de direitos e garantias cidadãs para muçulmanos e imigrantes, relegando os

identificados enquanto não-europeus ao papel de objetos disponíveis aos seus gestores culturais. Assim, o domínio eurocêntrico visa obliterar todas as identidades possíveis de pertencimento no mesmo indivíduo muçulmano, reduzindo-o a ser membro de uma religião – e nada mais. Após uma avaliação dos possíveis criticismos ao material apresentado na obra, a autora finaliza por indicar que a islamofobia caracteriza certo modo de desperdício, sendo entendida como um comportamento contraproducente.

As representações sobre o Islam e os muçulmanos não são resultantes de um processo acumulativo de informações, mas resultam de processos históricos, sendo transformadas ao longo do tempo. Hoje, as políticas de incerteza e ansiedade dramatizam um mundo hipercomplexo em uma Grã-Bretanha em que, para grupos de extrema direita, ser muçulmano implica em ser responsável por procuração pelos problemas sociais mais diversos, ser reprovado cotidianamente pelo extremismo não praticado, ser suspeito em qualquer lugar, ter seus direitos humanos sacrificados em nome do bem da nação. Eis na islamofobia um produto funesto para a continuidade de todo um Império.

Recebido em 2018-03-13  
Publicado em 2018-04-14



\* **FELIPE FREITAS DE SOUZA** é Mestre em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e membro do Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes (GRACIAS).